

## O festejo de São José de Ribamar/MA e as (re)configurações do turismo religioso no espaço e tempo da pandemia da Covid -19

### *The celebration of São José de Ribamar/MA and the (re)configurations of religious tourism in the space and time of the Covid-19 pandemic*

#### **Josenildo Campos Brussio**

Professor do Curso de Licenciatura em Ciências Humanas/Sociologia do Centro de Ciências de São Bernardo da Universidade Federal do Maranhão – UFMA, São Bernardo/MA, Brasil  
E-mail: josenildo.brussio@ufma.br

#### **José Arilson Xavier de Souza**

Professor do Curso de Geografia e do Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Estadual do Maranhão – UEMA, São Luís/MA, Brasil  
E-mail: arilsonxavier@yahoo.com.br

#### **José de Ribamar Carvalho dos Santos**

Professor do Centro de Ensino Médio Profissionalizante do Maranhão – CEMP, São Luís/MA, Brasil  
E-mail: ribageo@yahoo.com.br

#### **André Lucas dos Santos Ferreira**

Graduando do Curso de Bacharelado em Geografia da Universidade Estadual do Maranhão – UEMA, São Luís/MA, Brasil  
E-mail: Valéria Ferraz Severini

*Artigo recebido em: 03-11-2021*

*Artigo aprovado em: 25-11-2021*

## RESUMO

Examinar as (re)configurações do turismo no espaço e tempo da pandemia da Covid-19 no âmbito do festejo de São José de Ribamar (MA) é a finalidade assumida na presente comunicação científica. A saber, as reflexões que se seguem encontram-se associadas à *Rede de Pesquisa em Turismo Religioso* (REPETUR) e às investigações desenvolvidas na UFMA, Campus de São Bernardo (MA), e na UEMA, Campus de São Luís-MA. Assim sendo, circunscritos por tal campo empírico e contextos de pesquisa, percorremos as seguintes etapas de estudo: a) levantamento e reflexão bibliográfica; b) pesquisa descritiva; c) trabalho de campo (2020-2021) e, d) aplicação da técnica da triangulação dos dados (Triviños, 2009). De tal maneira, as considerações finais nos conduzem a afirmar que o festejo testou *positivo* no tocante às respostas que engendrou frente aos desafios impostos pela pandemia, conseguindo manter o magnetismo religioso da cidade de São José de Ribamar. Para tanto, tirar proveito das tecnologias digitais foi fundamental para assegurar a continuidade da ascese dos fiéis.

**Palavras-chave:** Festejo Religioso. São José de Ribamar. Turismo Religioso. Pandemia da Covid-19.

## ABSTRACT

To examine the (re)configurations of tourism in the space and time of the Covid-19 pandemic within the scope of the celebration of São José de Ribamar (MA) is the purpose assumed in this scientific communication. Namely, the reflections that follow are associated with the Religious Tourism Research Network (REPETUR) and with investigations developed at UFMA, São Bernardo-MA Campus, and at UEMA, São Luís-MA Campus. Therefore, circumscribed by such an empirical field, the following stages of study were covered: bibliographical survey and reflection; exploratory-descriptive research; field work (2020-2021). In this way, our final considerations lead us to affirm that the celebration tested positive with regard to the responses it engendered in the face of the challenges posed by the pandemic, thus managing to maintain the religious magnetism of the city of São José de Ribamar. Therefore, knowing how to take advantage of digital technologies was fundamental.

**Keywords:** Religious Celebration. São José de Ribamar. Religious Tourism. Covid-19 Pandemic.

## 1. INTRODUÇÃO: EXAME

A pandemia da Covid-19 impôs uma nova ordem ao mundo e a crise sanitária proveniente desse quadro instigou novas práticas e relações sociais. Humanitária e economicamente, a crise está sendo sentida e debatida em várias esferas da vida. Culturalmente, a situação não é menos caótica. Isolar-se das pessoas e dos lugares tem significado prejuízos do ponto de vista emocional. Nesse campo, atentamos para a natureza e importância dos espaços religiosos, visitados por turistas, religiosos ou não.

Há séculos a religião tem sido motivação para o exercício de viagens, alavancando cada vez mais o turismo religioso (Collins-Kreiner, 2020), um movimento que “singulariza-se pela motivação que lhe é subjacente, pelos seus objetivos e pelos seus destinos (lugares sagrados)” (Liszewski, 2000, p. 49). Fenômeno recente no mundo, este segmento é um dos que mais cresce no Brasil. Segundo dados do Ministério do Turismo, anualmente são feitas 17,7 milhões de viagens domésticas movidas pela fé (Ministério do Turismo, 2020).

Sabemos que o trabalho de conceituação e categorização a respeito do turismo religioso não é tarefa fácil, dada à complexidade que permeia esse nicho do turismo, que revela uma diversidade de campos semânticos referentes aos elementos-chave de sua constituição, tais como as qualificações entre o que se entende por turista e peregrino (Bauman, 1998), romeiro e peregrino (Eade & Sallnow, 1991; Maio, 2004), turismo religioso e turismo em espaço religioso (Santos, 2006), pondo em relevo “a pluralidade das experiências e narrativas que se entrelaçam, fazendo dos contextos turístico-religiosos situações irremediavelmente plurais” (Steil, 2008, p. 1).

Partindo do prisma conceitual entre turista e peregrino, as discussões sobre as definições do turismo religioso se tornam muito complexas e dividem opiniões entre pesquisadores das áreas das ciências humanas, sociais e sociais aplicadas. Daí a dificuldade em se estabelecer parâmetros para a definição do turismo religioso.

Por tais razões, por examinarmos as (re)configurações turísticas de um festejo religioso, teremos como base o conceito de Reinaldo Dias (2003, p. 17): “turismo religioso é aquele empreendido por pessoas que se deslocam por motivações religiosas e/ou para participarem em eventos de caráter religioso. Compreende romarias, peregrinações e visitações a espaços, festas, espetáculos e atividades religiosas.” Nesta esteira, as palavras de Santos (2006, pp. 246-247) também guiarão nossas reflexões: “o turismo religioso surge, neste contexto, como resultante da confluência de motivações de fé religiosa e de ordem profana,

sendo uma realidade híbrida que corresponde à conjunção de novas e antigas necessidades humanas, presentes nas sociedades contemporâneas”.

Considerando a pandemia, partiremos da premissa de que os espaços religiosos fazem falta para as pessoas e estão desenvolvendo estratégias no sentido de continuar emitindo mensagens de segurança aos seus assistidos. Nesse contexto, o sagrado se refere à alquimia da sociedade: ambiente-energia mantenedor de sentimentos coletivos e identitários (Rosendahl, 2013). Em termos de turismo, os espaços religiosos conhecem novas configurações, às vezes fechando as portas, outras vezes transmitindo os momentos litúrgicos por meio das suas tecnologias digitais e ocasionalmente flexibilizando as visitas, mas atentos ao quadro pandêmico e às reações sociais.

Também atentos, destacamos que as nossas reflexões são oriundas de três movimentos de pesquisas. O primeiro se refere à “Rede de Pesquisa em Turismo Religioso no Nordeste Brasileiro” (REPETUR)<sup>1</sup>. O segundo reside no projeto de iniciação científica “Cenários do turismo religioso em São José de Ribamar e Alcântara em tempos de pandemia: análises e perspectivas para atuação no pós-pandemia”, UFMA, São Bernardo (MA). O terceiro desponta por meio do projeto de iniciação científica “Quadros geográficos e comunicacionais do festejo de São José de Ribamar: a cidade, o santuário e as romarias”, UEMA, São Luís (MA).

A cidade de São José de Ribamar, localizada na Região Metropolitana de São Luís (MA), destaca-se pela religiosidade manifestada através de vários eventos religiosos, dentre os quais o festejo de São José de Ribamar, santo padroeiro do estado, que atrai uma expressiva quantidade de visitantes: em grande parte sujeitos “de fé”, espirituosos, manifestantes agradecidos pelas graças alcançadas.

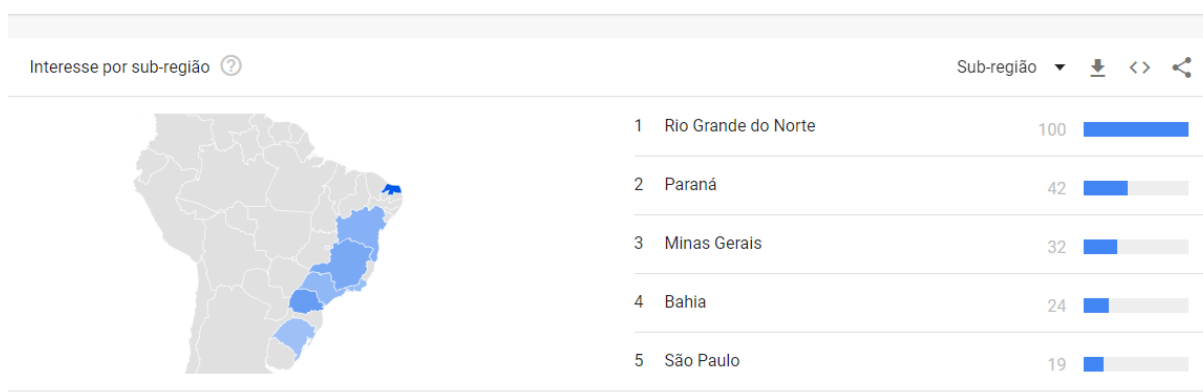
Fluindo pelos direcionamentos até então impostos, examinar as (re)configurações do turismo no espaço e tempo da pandemia da Covid-19 no âmbito do festejo de São José de Ribamar (MA), é a finalidade assumida na presente comunicação científica. Então, o exame perpassa por três seções, quais sejam: (1) caminhos metodológicos: com os pés no chão, peregrinando virtualmente; (2) festejo de São José de Ribamar: história e tradição religiosa; e (3) (re)configurações da festa e do turismo num espaço e tempo pandêmicos.

---

<sup>1</sup> A Rede de Pesquisa em Turismo Religioso no Nordeste Brasileiro (REPETUR) nasceu no dia 14 de junho de 2020 como projeto de idealização da professora Maria Lúcia Bastos Alves, docente titular do Departamento de Ciências Sociais da Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Por ora, a REPETUR atua virtualmente, e conta com grupos de pesquisa dos nove estados do nordeste brasileiro, todos possuidores de experiência em estudos e pesquisas sobre o turismo religioso. No momento, a rede de pesquisa investiga as novas dinâmicas e (re)configurações das festas religiosas no nordeste brasileiro no contexto pandêmico.

## 2. CAMINHOS METODOLÓGICOS: COM OS PÉS NO CHÃO, PEREGRINANDO VIRTUALMENTE

Para que o objetivo deste trabalho fosse atingido, foi realizada uma busca na ferramenta *Google Trends*, conforme Figura 1, visualizando-se um panorama das pesquisas sobre o tema “turismo religioso” no Brasil. Como resultado, observou-se que o Rio Grande do Norte tem destaque em relação aos demais estados, seja na procura de destinos turísticos religiosos, seja por curiosidades em torno do tema, seguido do Paraná, Minas Gerais, Bahia e São Paulo. Portanto, no Nordeste se destacam os estados do Rio Grande do Norte e da Bahia, ficando de fora os outros setes estados, incluindo o Maranhão, onde ocorre o festejo de São José de Ribamar.



**Figura 1.** Mapeamento de buscas pelo termo “turismo religioso” no *Google Trends*

Fonte: Google Trends, 2021.

Em outro levantamento realizado no *Google Scholar* a respeito de pesquisas sobre o turismo religioso no Maranhão, encontramos três publicações que mencionam a nomenclatura “turismo religioso”, mas em nenhum de seus títulos consta a referida expressão. De qualquer modo, esses dados são importantes para nortear o caráter inovador da presente pesquisa no que tange aos marcadores teóricos, conceituais e sistemáticos da percepção que norteia a festa de São José de Ribamar enquanto fomentadora do turismo religioso no Maranhão. Ressalte-se que este tema ainda é pouco explorado em pesquisas acadêmicas e em buscas pelos destinos turísticos religiosos do país.

Método e metodologias sugerem os caminhos percorridos no curso de uma pesquisa científica, caminhos empreendidos por desafios, escolhas e condições dos pesquisadores em relação ao campo empírico (Hissa, 2017). Na pesquisa traduzida por este artigo, cumpre salientar que três caminhos foram fulcrais: a pesquisa e reflexão bibliográfica; a pesquisa descritiva, que serviu para conhecer o tema-caso em estudo; e a pesquisa de campo, que foi

realizada seguindo as recomendações dos órgãos de saúde quanto aos cuidados referentes à Covid-19.

De praxe, a pesquisa de cunho bibliográfico é basilar para qualquer intenção em ciência. Por sua vez, o tema da pesquisa sugere quais materiais devem ser perseguidos, selecionados, revisados, refletidos. Como afirmaria Mills (2009), à “arte intelectual” é cara a aventura em outros mundos literários. Outras perspectivas intelectuais tendem a oportunizar margem a novas perspectivas, inclusive de outros campos do conhecimento. Sabendo disso, a nossa pesquisa bibliográfica recorreu a relatórios de pesquisa de iniciação científica, artigos científicos, trabalhos de conclusão de curso e dissertações de mestrado. Para além do interesse no tema religião e turismo em si, a cidade e o festejo de São José de Ribamar foram problematizados em termos de história e tradição religiosa.

No que tange à pesquisa descritiva, não seria exagero dizer que as tarefas científicas se tornaram mais virtuais, e isso porque o mundo assim se postou ou tem se postado. O que denominamos aqui de “peregrinação virtual” foi conhecendo de um uso cada vez mais presentificado na ciência, o que no espectro dos estudos sobre a religião significou visitas e contatos constantes por meio das plataformas digitais referentes aos grupos estudados. Efetivamente, quanto ao Santuário de São José de Ribamar, no afã de conseguirmos dados secundários, peregrinamos por *sites* e aplicativos como Instagram, Facebook e WhatsApp, pelos quais dialogamos com os participantes e promotores da festa de São José.

Já “com os pés no chão”, a pesquisa de campo aconteceu em incursões realizadas por meio do projeto de iniciação científica “Quadros geográficos e comunicacionais do festejo de São José de Ribamar: a cidade, o santuário e as romarias”, da UEMA. Fomos a campo na festa do ano de 2021, no mês de setembro, quando foi possível ver e sentir a (re)configuração de espaço religioso e de suas possibilidades turísticas em tempo de pandemia. Assim, ainda que com as limitações, buscamos na oportunidade do campo experimentar o mundo de maneira a realizar um exercício que se aproxima da prática etnográfica (Hissa, 2017), incorporando os sinais dispensados pelos sujeitos do mundo em leitura.

Sem dúvidas, toda essa trama da pesquisa nos exigiu uma postura qualitativa, um tipo de pesquisa que, segundo Flick (2009, p. 8):

[...] visa a abordar o mundo ‘lá fora’ (e não em contextos especializados de pesquisa, como os laboratórios) e entender, descrever e, às vezes, explicar fenômenos sociais ‘de dentro’ de diversas maneiras diferentes [...] [como, por exemplo,] examinando interações e comunicações que estejam se desenvolvendo. Isso pode ser baseado na observação e no registro de práticas de interação e comunicação, bem como na análise desse material.

No processo de coleta e análise dos dados, utilizamos a técnica da triangulação dos dados, proposta por Triviños (2009), centrada no sujeito social enquanto participante da pesquisa, vinculada a um tríplice enfoque no fenômeno social: a) os processos e produtos centrados no sujeito; b) os elementos produzidos pelo meio do sujeito e que têm incumbência em seu desempenho na comunidade; e, c) os processos e produtos originados pela estrutura socioeconômica e cultural do macroorganismo social no qual está inserido o sujeito (Triviños, 2009).

A bem da verdade, os caminhos metodológicos concorreram complementarmente para a interpretação do fenômeno abordado. Neste sentido, a ciência tem a função de fornecer inteligibilidade sobre e para o mundo, exercendo uma leitura sobre o homem e sua cultura, perspectiva que Geertz (1989, p. 15) defende como sendo “uma ciência interpretativa, à procura do significado”. Envolto num emaranhado de significantes e significados, porque assim são constituídos, encontram-se os espaços religiosos frente a uma pandemia sem precedentes. As experiências proporcionadas por e nesses espaços foram e estão sendo ressignificadas. O que exigiu vem exigindo novas posturas dos cientistas.

Ainda cumpre salientar que a caminhada dessa produção é coletiva, tanto do ponto de vista dos fiéis, romeiros, devotos e peregrinos, quanto dos autores que se colocam à risca para interpretar e analisar as vozes, imagens, percepções e sentimentos daqueles que dão sentido ao festejo de São José de Ribamar. Antes de seguirmos nessa trilha, propomos um breve texto sobre a história e a tradição da devoção em tela.

### 3. FESTEJO DE SÃO JOSÉ DE RIBAMAR: HISTÓRIA E TRADIÇÃO RELIGIOSA

Situada na região metropolitana de São Luís, a 23 km da capital maranhense, São José de Ribamar é uma cidade com história e cultura acentuadas, contexto espacial no qual a religiosidade relacionada com a figura santa de São José é expressiva, cuja imagem está retratada na Figura 2. Como marcas de “Ribamar” temos as romarias e as peregrinações, que são movimentos individuais e coletivos de busca pelo espaço sagrado. Uma análise da programação oficial do seu festejo e, especialmente, a vivência na festa possibilitam perceber a riqueza cultural daquele espaço-tempo, que nos últimos anos tem se estendido por um mês (setembro).

Segundo Miranda (2009), a origem do nome Ribamar vincula-se ao linguajar dos índios Gamelas, que viviam sempre procurando o ponto mais elevado para colocar as imagens trazidas pelos europeus, depois diziam “in riba, in riba”. Com o tempo, descobriu-se que a expressão

significava “acima”. Desse modo, o termo “Ribamar” significa “acima do mar e ou Arribamar”. Desde sua origem, São José de Ribamar é envolta por mitos que particularizam o lugar, pelo que se acredita que a cidade surgiu de um milagre (Castro, 2018).



**Figura 2.** Cidade de São José de Ribamar em dia festivo

Fonte: Ribamar Carvalho, set., 2019.

Então, faz-se necessário enveredarmos pela narrativa mítica que contextualiza o surgimento e a manutenção de tal fenômeno religioso. Diz a lenda que, por causa de uma tempestade, um navegador português esteve prestes a naufragar em plena baía de São José, após ter se desviado de sua rota. Tendo invocado a intercessão do santo, o navegador viu a tempestade cessar. Grato pela ajuda de São José, ele decidiu erguer uma pequena ermida de frente para o mar. Segundo Ribeiro (2019), o navegador trouxe de Portugal uma imagem de São José, que possui como características marcantes as vestimentas que imitam um capitão das embarcações portuguesas da época, segurando pela mão a imagem do menino Jesus e usando botas, recebendo também a alcunha “Santo de Botas”, como pode ser observado na Figura 3.





**Figura 3.** Imagem de São José de Ribamar

Fonte: Ribamar Carvalho, set., 2019.

Tempos depois, sem que ninguém percebesse, os moradores de Anindiba dos Indígenas, hoje município de Paço do Lumiar, levaram a imagem para a igreja do povoado. Contudo, ao amanhecer notaram que a imagem de São José voltara misteriosamente à sua capela de origem. Mais uma vez os moradores de Anindiba levaram a imagem para sua igreja e colocaram sentinelas para fazer vigília. Mas, São José revestido de poder sagrado, depois de ter transformado seu cajado em luzeiro, desceu de Anindiba para a capela de Ribamar, protegido por santos e anjos.

O caminho por onde São José passou ficou repleto de rastros de luz. Assim, os moradores de Anindiba entenderam que São José desejava ficar em sua capela de frente para o mar. Conta-se ainda que a capela de São José foi reconstruída de frente para a entrada da cidade, contudo as paredes da nova igreja ruíram inúmeras vezes. Só então os devotos perceberam que a igreja deveria ficar mesmo de frente para o mar. A saber, o atual prédio da igreja matriz teve a construção iniciada em março de 1915, concluído dois anos mais tarde (Paróquia e Santuário de São José de Ribamar, 2021).

A Paróquia e Santuário de São José possuem um site pelo qual é possível conhecer a história de São José em relação ao município de São José de Ribamar. O site permite uma viagem pela origem da igreja e da paróquia, discorre sobre a chegada do Santo São José na comunidade, bem como relata a evolução da igreja ao patamar de Santuário Arquidiocesano São José de Ribamar, em 09 de setembro de 2011, por ocasião da abertura do Festejo do Glorioso São José de Ribamar. Nessa ocasião, o arcebispo de São Luís do Maranhão, o franciscano Dom Frei José Belisário da Silva deu cabo à criação do Santuário.

De forte apelo turístico, não por acaso vingando em diversas mídias que tratam de turismo religioso no estado do Maranhão, um dos espaços sagrados mais representativos do festejo de São José de Ribamar reside na forma simbólica espacial do Santuário (Figura 4) – referência das celebrações religiosas e elemento organizador do lugar. Eis um elemento-chave para o entendimento do fenômeno que ali se desenvolve.



**Figura 4.** Santuário de São José de Ribamar

Fonte: José Arilson, set., 2019.

O calendário católico mundial celebra São José no dia 19 de março. No entanto, devido a esse período ser caracterizado pela grande quantidade de chuvas que prejudicavam o acesso dos romeiros, na cidade de São José de Ribamar o festejo passou a acontecer no mês de setembro. Até o ano de 2018 a data do encerramento não era fixa, tendo como base a primeira lua cheia do mês. Atualmente, o festejo tem início no primeiro dia do mês de setembro e se encerra no último domingo do mês, período no qual ocorrem diversas missas e romarias. Dentre

elas, destaca-se a “grande romaria”, que se inicia no bairro da Cohab, em São Luís, na Igreja Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, percorrendo de madrugada uma distância média de 22 quilômetros até o Santuário de Ribamar, onde se inicia a missa das cinco da manhã.

As novenas antecedem a procissão, que é o único momento do ano quando a imagem original de São José sai da igreja e percorre a avenida principal da cidade, seguida por milhares de pessoas. Nesse momento são pagas as promessas, com as pessoas descalças, carregando velas ou réplicas de partes do corpo em cera, miniaturas de casas, tijolos, entre outros elementos. Nesse cenário, crianças e adultos se vestem de anjo, representando São José e Nossa Senhora.

Salta aos olhos e intrigam a quantidade e as qualificações das romarias e peregrinações que se direcionam ao festejo e ao Santuário de São José de Ribamar, algo expressamente visível na paisagem. As mobilidades que acessam aquele território se organizam de diversas maneiras, demarcando fortes impressões simbólicas ligadas ao sagrado. Naquela conjuntura, o Complexo Santuário é composto por: Igreja Matriz de São José de Ribamar, Centro Pastoral, Salão Paroquial, Casa dos Milagres, Praça São José (Caminho de São José), Concha Acústica, Cripta (sob a Concha), Gruta de Nossa Senhora de Lourdes, Monumento a São José (imagem de São José com 33 metros de altura) e Museu dos ex-votos.

Contada a história do padroeiro, passemos agora às interpretações que chegamos quanto às reações do festejo estudado num espaço e tempo pandêmicos, desafiadores para as pessoas, instituições e pesquisadores.

#### 4. (RE)CONFIGURAÇÕES DA FESTA E DO TURISMO RELIGIOSO NUM ESPAÇO E TEMPO PANDÊMICOS

A crise mundial ocasionada pelo Novo Coronavírus levou os governos, as cidades e as instituições a repensarem as práticas cotidianas e atividades presenciais. Estrategicamente, com um quadro caótico nos hospitais, para além das recomendações básicas de higiene pessoal, decretou-se uma série de *lockdowns* nas cidades brasileiras, o que ocasionou vertiginoso declínio dos deslocamentos de cunho turístico. O impacto socioeconômico e cultural foi sentido diretamente e os espaços religiosos reagiram de diversas formas em compasso com as recomendações sanitárias e políticas. As representações midiáticas passaram a representar o maior trunfo dos centros religiosos no que concerne à manutenção das práticas religiosas.

São José de Ribamar – aqui se diz do governo municipal da cidade e da instituição Igreja Católica ali atuante –, coerente com as precauções necessárias em um tempo pandêmico, teve

que reconfigurar seu espaço festivo-religioso e restringiu as visitas turísticas. Também apostou nos recursos tecnológicos e midiáticos para manter seus fiéis ligados ao *Santuário*. Se antes da pandemia o festejo reunia milhares de fiéis e as principais ruas da cidade ficavam repletas de marcas da fé do povo, na pandemia o esforço se deteve em instituir a devoção por meio de aparatos técnicos, reforçando, sensivelmente, como já no indicara a teoria, que o sagrado se revela como alquimia do povo (Rosendahl, 2013). Sobretudo em momentos de crise, ainda que se passe por adaptações, fontes de energia no mundo que dizem do esforço empreendido para bem vivê-lo.

Nesse contexto, apresentamos algumas análises que realizamos a partir do modelo de triangulação proposto por Triviños (2009), citado acima. O aspecto inicial da triangulação apresentou-nos uma mudança brusca nos processos e produtos centrados no sujeito em relação à organização das atividades referentes à festa de São José de Ribamar: a) substituição das atividades presenciais por atividades remotas; b) otimização das ferramentas virtuais e c) resistência devocional (Figura 5).



**Figura 5.** Resultados da triangulação dos dados da pesquisa

#### **a. Substituição das atividades presenciais por atividades remotas**

A humanidade passou por uma readaptação abrupta com a necessidade do isolamento social decorrente da pandemia. A obrigatoriedade de *lockdowns* no município de São José de Ribamar seguiu as determinações do Governo Estadual na luta pela redução dos casos de internações de leito da Covid-19.

O primeiro *lockdown* foi decretado pela prefeitura do município no dia 20 de junho de 2020, como medida de contenção e redução dos casos de Covid-19 na cidade. Dez meses depois do primeiro *lockdown*, o governo do Estado do Maranhão decreta medidas intensas de restrição, uma vez que os leitos alcançaram 90% de ocupação na segunda onda da Covid-19, agora mais mortais com as variantes do vírus encontradas no Amazonas e já diagnosticadas em dezesseis Estados brasileiros: a variante Delta.

Seguindo as recomendações do governo do Estado do Maranhão, a arquidiocese de São Luís, capital do estado, publicou um Comunicado (<https://www.facebook.com/arquislma/posts/3652643368182789>) com orientações aos fiéis suspendendo as reuniões por dez dias (de 05 a 14 de março de 2021), os batismos e matrimônios.

Destacam-se no comunicado os itens “não promover atividades que motivem o fluxo de pessoas em nossas comunidades” e “orientamos que os idosos e pessoas do grupo de risco possam acompanhar as **celebrações pelas redes sociais** (grifo nosso)”, que trazem as reconfigurações das dinâmicas de atuação das atividades do santuário de São José de Ribamar durante todo o período da pandemia.

Tais dinâmicas impactaram acentuadamente as atividades turísticas do município, ocasionando brusca redução da movimentação de turistas para o festejo de São José de Ribamar, principalmente, no ano de 2020 em que a festa foi inteiramente suspensa. É válido ressaltar que mesmo nos meses em que não ocorre o festejo há uma incidência de turistas religiosos, principalmente, nos finais de semana.

Como bem lembra Steil (2019), “a materialidade da fé, expressa nas imagens, é complementada pelas narrativas milagrosas que são disseminadas para muito além dos limites dos santuários, tornando-as objeto de devoção e de atração de peregrinos num raio de abrangência que transcende o local”. Em São José de Ribamar não é diferente. Romeiros, peregrinos, devotos e fiéis frequentam o santuário diversas vezes ao ano, na intenção de consagrarem suas ações de fé e espiritualidade.

A experiência de fé nos santuários religiosos se revela e marca o devoto de maneira especial. “Os santuários são em si mesmos lugares onde o povo, enquanto vivenciam a sua espiritualidade, atingem uma experiência do sagrado, que os toca e alimenta a sua devoção” (Pereira et al, 2008). Nesses espaços sagrados, todo o ambiente é penetrado pela aura da presença direta ou indireta do divino.

Notadamente, em tempos de pandemia, a fé e a devoção se fizeram exercícios espirituais de força e superação no seio das comunidades religiosas, que precisaram se manter afastados

das atividades presenciais do santuário, mas que puderam usufruir das estratégias remotas (*on line*) como meios alternativos de perpetuação das suas conexões com o divino.

#### **b. Otimização das ferramentas virtuais**

O segundo aspecto ficou evidenciado pela utilização de ferramentas virtuais disponíveis para a continuidade das atividades dos organizadores da festa, internos e externos ao sistema paroquial. Antes da pandemia a paróquia de São José de Ribamar já utilizava plataformas digitais (*Facebook, Instagram, YouTube*) para divulgar os seus trabalhos e manter uma comunicação mais dinâmica com o seu público-alvo.

Com a pandemia, houve um incremento e otimização das ferramentas virtuais disponíveis para estabelecer uma religação com os fiéis, devotos, romeiros e peregrinos. Para tanto, a PASCOM (Pastoral da Comunicação) que já existia bem antes da pandemia, investiu em dinâmicas de comunicação através do *Facebook*, do *Instagram* e do *Youtube*, com transmissões diárias das celebrações de missas e outras atividades litúrgicas do santuário.

Essa complexidade ou diversidade de fenômenos (Morin, 2012), relacionados às velhas e novas práticas no campo do turismo religioso, aparece muito bem descrita nas palavras de Alves (2013, p.33):

Sob o argumento da festa, instaura-se uma zona transitória, efêmera, com duração limitada ao das celebrações, com particularidades diferenciadas, de acordo com o interesse de cada grupo: para os fiéis e peregrinos a festa se apresenta um momento sagrado, reatualização dos ritos, uma extensão dos atos de fé, um encontro com os amigos, família e demais fiéis. Momento de lazer e sociabilidades. Para os políticos, ou personalidades da sociedade, torna-se o palco das representações, das ascensões sociais, um alibi para os investimentos políticos, muitas vezes tornando-se o lugar da disputa, do confronto. Para a população local, momento em que a cidade se transforma em palco de espetáculo, suscitando visibilidade e atraindo visitantes que, de qualquer forma, acabam contribuindo com as atividades econômicas.

Não há que se negar o papel social que as instituições religiosas exercem em suas práticas litúrgicas, no que se refere ao momento da pandemia, essas dinâmicas se tornam ainda mais efetivas e se revestem de responsabilidades para além do campo da fé, como o papel socioeducativo que os discursos religiosos operam nos processos sociais. Sabemos da importância de analisar as festas religiosas em seu contexto local, trazendo alguns elementos relacionados à sua história e ao processo de constituição de um espaço mediado por uma rede de agentes sociais legitimadores do evento e das ações do poder público local e regional (Alves, 2013).

A organização dos sites institucionais dos santuários religiosos, quaisquer que sejam a manifestação da fé, tem apresentado rupturas com seus próprios dogmas e interesses institucionais no que diz respeito às tradições simbólicas exercidas em suas práticas

ritualísticas, muitas centradas nos laços societários desenvolvidos em atividades presenciais com a utilização do corpo.

Podemos citar o batismo na igreja católica e o matrimônio, ambos sacramentos que necessitam da atividade presencial para suas concretizações ritualísticas e simbólicas, e que ainda não encontraram substitutos virtuais para as suas realizações. Daí o fato de no comunicado da Arquidiocese de São Luís destacar-se a suspensão dessas duas celebrações. Embora nem todas as práticas ou representações simbólico-ritualísticas das festas religiosas pudessem encontrar substitutos neste período de pandemia, não se pode negar as grandes mudanças que ocorreram em relação às celebrações das missas, novenas, terços e o exercício das romarias em tempos de pandemia. Os rearranjos foram os mais criativos possíveis para tentar manter as atividades, sem perder a conexão de fé com os fiéis, devotos, romeiros e peregrinos.

### c. Resistência devocional

O terceiro aspecto da triangulação nos trouxe um ponto complexo de reflexão e análise dos dados coletados: de um lado, os mecanismos sanitários propostos pelos órgãos oficiais de saúde (OMS, Ministério da Saúde, SUS etc.), com as medidas de higienização e uso dos espaços públicos e coletivos e o isolamento social, do outro, as práticas das instituições religiosas em suas dinâmicas organizacionais (Figura 6).



**Figura 6.** Missa Campal seguindo as medidas sanitárias  
Fonte: Ribamar Carvalho, set., 2020.

Como separar os rituais e práticas simbólicos de um templo, santuário ou igreja, que possui suas próprias dinâmicas espaço-temporais, deslocando-as para um espaço virtual com forte distanciamento físico-espacial dos seus fiéis?

A Figura 6 ilustra bem o esforço da organização dos administradores do Santuário de José de Ribamar em seguir os protocolos de segurança sanitária determinados pelos órgãos de saúde. Vemos nitidamente as cadeiras organizadas com o distanciamento de mais de um metro, poucos fiéis e devotos presentes à celebração, o altar improvisado sobre a escadaria da catedral e a missa realizada de forma campal.

Por mais que todos tivessem e tenham consciência da importância do distanciamento social para o arrefecimento da proliferação do coronavírus, mesmo com a vacinação em campanha incipiente, presenciamos discursos e posturas contrárias ao distanciamento social que precisam de um cuidado maior.

Frisemos a necessidade do cuidado com a veiculação das informações nas redes sociais. Em alguns momentos, talvez tenha faltado por parte dos administradores da página do Santuário reforçar a importância do isolamento social, principalmente, nos meses em que a proliferação do coronavírus esteve em alta na chamada segunda onda<sup>2</sup>. Este apontamento, cumpre salientar, não tira de nenhuma forma o mérito da política adotada pelo Santuário, que sempre respeitou o momento vivido e soube orientar as pessoas. Em todo caso, é muito importante a comunicação dos agendamentos e quantidades permitidas de acesso presencial ao santuário, como fizeram em outras postagens.

Independente do paradigma ou prisma pelo qual se analise o fenômeno do turismo religioso, seja pela ótica do turista e do peregrino (Bauman, 1998), do romeiro e do peregrino (Eade & Sallnow, 1991; Maio, 2004) ou do turismo religioso e do turismo em espaço religioso (Santos, 2006), cabe a reflexão sobre o desperdício operacional dessas organizações religiosas, com sua pluralidade de valores ameaçados pela ruptura dos laços societários, sempre indispensáveis em um momento como esse (Oliveira, 2020).

Nesta perspectiva, a tentativa de diálogo entre setor turístico e religiosidade apresenta-se uma faceta das mudanças ocorridas nos rituais de celebração religiosa face às transformações contemporâneas. Em síntese, procura-se compreender os elementos contraditórios

---

<sup>2</sup> De acordo com o painel do coronavírus do Ministério da Saúde (<https://covid.saude.gov.br/>), vemos um aumento dos casos entre os meses de novembro de 2020 a julho de 2021, período conhecido como a segunda onda do coronavírus. Para alguns pesquisadores, a segunda onda prolongada no Brasil reflete a lentidão do sistema de vacinação que poderia estar muito mais avançado.



desempenhados nestes dois segmentos, em que interesses e situações diversas contribuem para o “reavivamento” e “conservação” das tradicionais práticas religiosas (Alves, 2013, p. 26).

A pandemia causada pela Covid-19 trouxe novas demandas e impôs reorganizações. Em 2020, a exemplo, não ocorreram procissões e romarias. Já em março de 2021, na parte externa do santuário, uma estrutura de altar foi montada para que as missas com maior número de fiéis pudessem ser celebradas (Figura 6). Dentro da igreja, bancos foram demarcados para limitar o acesso das pessoas. Na entrada principal, álcool em gel foi disponibilizado para a higienização das mãos; além disso, o uso de máscara era obrigatório (Figura 6).

Não obstante, é no empenho de utilização das mídias virtuais que o Santuário de São José de Ribamar tem conseguido dar continuidade às suas atividades, conectando-se aos devotos, romeiros e peregrinos e turistas. Na exploração dos dados das redes sociais do Santuário organizadas pelos padres e agentes da PASCOM (Pastoral da Comunicação), observamos um crescente engajamento, senão vejamos: no Youtube, no ano de 2019, o total de visualizações foi de 21.996, em 2020. Com o cancelamento e diminuição dos eventos presenciais devido a pandemia, as redes sociais foram a forma encontrada para alguns devotos acompanharem as missas e eventos do Santuário, ocorrendo um aumento superior a 300% no tempo de um ano, chegando a 86.835 visualizações. No Facebook o número de seguidores também cresceu, foi de 13.974 em 2019 para 18.077 até 08/08/2021.

Já no exame da prática do turismo religioso em São José de Ribamar, em termos governamentais, perscrutamos, mediante entrevista com o Secretário Municipal de Turismo, Cultura, Esporte e Lazer (SEMTUR), o senhor Urubatan Lima de Melo Neto, e com a Secretária Adjunta de Turismo e Cultura, a senhora Poliana Ferreira Paixão, em 30 de setembro de 2021, considerações que aqui despontam condensadas, e com foco nas questões potencialidades locais e organização em tempos de pandemia.

Levada a cabo logo na semana seguinte da finalização dos festejos religiosos de 2021, esta entrevista se tornou singular, pois, em determinados momentos, soou como avaliação por parte da Secretaria: *“as coisas acabaram de acontecer, então nós estamos ainda apurando e tentando entender o que aconteceu. Se engana quem pensa que fazer turismo é fácil. Mas posso lhe garantir que o saldo foi muito positivo”*, nos disse o Secretário. Apesar de reconhecer a *“indiscutível vocação religiosa de cidade”*, ele também explanou que o turismo religioso em São José de Ribamar deve ser pensado na perspectiva de conjunção com outras tipologias de turismo, como o turismo de sol e praia, o turismo náutico e o turismo rural.

Por sua vez, à medida que defendeu que o turismo religioso já se fazia consolidado na cidade, pela mera atratividade dos seus espaços religiosos, a Secretária parece ter complementado o raciocínio do seu chefe imediato ao afirmar que: “*a nossa ideia é fazer com que a terra do ‘padroeiro do Maranhão’ seja mais visitada para além dos dias de festejo. Assim, essas outras formas de turismo concorreriam para alimentar o turismo religioso*”. Sem dúvidas, a Secretaria é consciente da implicância devocional do lugar, e é sabedora dos ganhos que a economia local teria uma vez que tal potencialidade fosse posta como corolário, e, obviamente, na ordem do cotidiano. A (boa) relação com os líderes eclesiais é vista como movimento fulcral.

Em 2021, ano ainda pandêmico, mas também de retomada dos festejos no que tange a presença dos fiéis, acerca das medidas sanitárias, a organização municipal se preocupou em orientar e assistir os visitantes por meio da atuação de agentes da Secretaria, estabelecendo pontos de informações turísticas, realizando blitz e ainda distribuiu folders temáticos sobre as potencialidades naturais e culturais do lugar. Conquanto inexistente uma pesquisa de opinião dos turistas, acreditava-se que as medidas teriam surtido bons efeitos.

Em face das metas quanto ao turismo religioso, destacou-se que a Secretaria encontrava-se esboçando roteiros turísticos religiosos, e que, para tanto, “*o Complexo Santuário é carro-chefe*”, revelou Urubatan. Neste âmbito, sem detalhar, as formas espaciais do Santuário, da Praça, do Caminho e do Monumento de São José foram mencionadas, assim como também o foram as festas do mês de março e, sobretudo do mês de setembro (*a festa de um mês*). Ademais, nesta mesma conjuntura, também se falou da produção em voga de um novo mapa turístico cultural, prometido como um produto atualizador das riquezas (i)materiais e simbólicas de São José de Ribamar.

Neste ensejo, enquanto prática sociocultural de deslocamento espacial implicante na economia e no cotidiano dos lugares, o turismo religioso é instigado para tempos futuros.

## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS: TESTE POSITIVO

Os destinos turísticos devem adotar políticas asseguradoras do bem-estar das pessoas. Essa é uma verdade também no que concerne aos destinos religiosos. Só assim será possível o fortalecimento de suas imagens e, conseqüentemente, verão aumentando as suas visitas (Maio, 2004). Durante a pandemia da Covid-19, essa assertiva parece ser ainda mais relevante. Nessa linha foi que buscamos examinar como o turismo religioso se (re)configurou no âmbito dos festejos de São José de Ribamar, Maranhão, visto nestes anos como um desafio nas

experiências dos visitantes em geral, em especial dos religiosos, do planejamento eclesial e da organização governamental local.

As nossas considerações apontam que em São José de Ribamar os festejos religiosos e o destino turístico *testaram positivo* ao desafio imposto. Explicamos o porquê nos debruçando, sinteticamente, sobre os resultados da triangulação dos dados da pesquisa: a) a substituição das atividades presenciais por atividades remotas; b) otimização das ferramentas virtuais; e c) resistência devocional.

Em campo e por meio do acompanhamento das mensagens veiculadas mediante tecnologias digitais, vimos, sentimos e, portanto, constatamos esforços significativos no tocante à reinvenção do turismo religioso. Das mudanças bruscas ocasionadas no início da pandemia (2020) às resistências devocionais já vivenciadas neste período (2021) de retorno presencial ao espaço em tela, pode-se dizer que o magnetismo religioso em “Riba do Mar” foi mantido. Tendo por base a natureza antropológica e a consequente atratividade do santuário, representativa de uma polifonia de culturas (Steil, 1996), tal resultado culmina com as problematizações empreendidas já no início deste estudo.

Em todo caso, por fim, como é de nossa pretensão continuar estudando o festejo e a cidade de São José de Ribamar, porquanto suas riquezas culturais, religiosas e turísticas seguem nos instigando, pontuamos questões que tendem a iluminar as próximas investidas, sejam essas com foco no fenômeno pandêmico, influenciados por ele, ou não: estamos construindo e vivendo novas formas de exercício da religião e da religiosidade? Os festejos – espaço e tempo que engloba sentidos sociais contraditórios que estão no culto da romaria (Steil, 1996) – têm a sua tradição ressignificada perante práticas devocionais cada vez mais tecnológicas? A ambiência virtual tem assegurado possibilidades futuras ao turismo religioso? Ora presencial, ora remotamente, os espaços religiosos têm feito valer a devoção como resistência de vida? (Oliveira, 2021). As reflexões são muitas, as incertezas também o são. À ciência compete, como sempre, pensar inteligivelmente este mundo, o mundo de variados seres. Nos deixando enlaçar por tais complexidades (Morin, 2012), que saibamos assim fazer...

## REFERÊNCIAS

Alves, M. L. Bastos. (2013). Turismo e religiosidade: uma tentativa de diálogo. *Revista Iberomericana de Turismo - RITUR*, 3(1), 25-37.

Arquidiocese de São Luís. (2021). *Orientações da Arquidiocese de São Luís para o atual cenário da pandemia*. Disponível em URL:

<https://www.facebook.com/arquislma/posts/3652643368182789>. Acessado em 04 de março de 2021.

Azevedo, A. P. M. (2008). *São José de Ribamar, um santuário de fé no Maranhão*. São Luís: UFMA, Monografia do Curso de Turismo.

Bauman, Z. (1998). *O mal-estar da pós-modernidade*. Tradução Mauro Gama e Cláudia Martinelli Gama; revisão técnica Luís Carlos Fridman. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor Ltda.

Castro, J. S. (2018). *Práticas marítimas modernas no litoral maranhense: a reconfiguração do litoral dos municípios de Raposa e São José de Ribamar*. Fortaleza/CE: UFC, Dissertação de Mestrado (Programa de Pós-graduação em Geografia).

Collins-Kreiner, N. (2020). A review of research into religion and Tourism Launching the Annals of Tourism Research Curated Collection on religion and Tourism. *Annals of Tourism Research, Elsevier*, March 2020.

Dias, R.; Silveira, E. J. S. da (org.). (2003). *Turismo religioso: ensaios e reflexões*. Campinas: Editora Alínea.

Eade, J & Sallnow, M. J. (1991). *The Anthropology of Christian Pilgrimage*. Eugene, Oregon, Wipf and Stock Publishers.

Flick, U. (2009). *Qualidade na pesquisa qualitativa*. Traduzido por: Roberto Cataldo Costa. Porto Alegre: Artmed, (Coleção Pesquisa qualitativa).

Geertz, C. (1978). *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: Zahar Editores.

Liszewski, S. (2000). Pilgrimage or Religious Tourism? *Peregrinus Cracoviensis*, Cracóvia, nº 10, pp. 47-51.

Maio, C. A. (2004). Turismo religioso e desenvolvimento local. *Publ. Ci. Hum., Ci. Soc. Apl., Ling., Letras e Artes*, 12(1), 53-58.

Ma10.com.br. (2020). *Pandemia altera a programação do tradicional festejo de São José de Ribamar*. Disponível em URL: <https://www.ma10.com.br/2020/09/02/pandemia-altera-a-programacao-do-tradicional-festejo-de-sao-jose-de-ribamar/>. Acessado em 04 de março de 2019.

Mills, C. W. (2009). *Sobre o artesanato intelectual e outros ensaios*. Rio de Janeiro: Zahar.

Ministério do Turismo. *Fórum debaterá os impactos da pandemia no turismo religioso (2020)*. In: <https://www.gov.br/turismo/pt-br/assuntos/ultimas-noticias/forum-debaterá-os-impactos-da-pandemia-no-turismo-religioso>. Acesso em 18/09/21.

Miranda, A. J. F. (2009). *São José de Ribamar: nossa história, nossa cultura e nossa gente*. São Paulo. Cortez.

Morin, E. (2012). *O método 5: a humanidade da humanidade*. Trad. Juremir Machado da Silva. 5ª edição — Porto Alegre: Sulina.

Oliveira, C. D. et al. (2020). As organizações religiosas brasileiras frente à pandemia de COVID-19. In: *Journal of Latin American Geography, Ahead of Print: JLAG Perspectives*, June.

Oliveira, C. D. et al. (2021). Reinventing Northeastern Religious Tourism in Brazil during the COVID-19 pandemic. In: *Open Journal of Social Sciences*, 9(7).

Pereira et al. (2008). Turismo religioso: análise e tendências. In: *V Seminário ANPTUR*, Belo Horizonte, agosto.

Ribeiro, J. T. M. (2019). *A romaria dos motoqueiros em São José do Ribamar-MA: experiências no catolicismo popular*. 84 f. Monografia (Licenciatura em História) – Universidade Estadual do Maranhão. São Luís-MA.

Rosendahl, Z. (2013). Espaço, política e religião. In: Rosendahl, Z; Corrêa, R. L. (Org.) *Geografia cultural: uma antologia II*. Rio de Janeiro: EDUERJ.

Santos, M. G. M. P. (2006). *Espiritualidade, Turismo e Território: Estudo Geográfico de Fátima*. Estoril: Principia.

Steil, C. A. (1996). *O sertão das romarias: um estudo antropológico sobre o santuário de Bom Jesus da Lapa – Bahia*. Petrópolis: Vozes-CID.

Steil, C. A. (2019). Percursos das peregrinações católicas no Brasil: gênese e desenvolvimento do tema na ótica das ciências sociais. *Estudos de Religião*, 33(2), 221-242.

---

#### FORMATO PARA CITAÇÃO DESTE ARTIGO

BRUSSIO, J. C., SOUZA, J. A. X., SANTOS, J. R. C., & FERREIRA, A. L. S. (2022). O festejo de São José de Ribamar/MA e as (re)configurações do turismo religioso no espaço e tempo da pandemia da Covid -19. *Revista de Turismo Contemporâneo*, 10(1), 162-182.

<https://doi.org/10.21680/2357-8211.2022v10n1ID27166>

---